

Henrique Iwao

Universidade Federal de Minas Gerais

Música acéfala: a parede, o involuntário e o sensualismo

No seu livro *Nietzsche e o círculo vicioso* (*Nietzsche et le Cercle Vicieux*), Pierre Klossowski explicita os motivos pelos quais o filósofo, no final da vida, buscava a possibilidade de uma revolta do corpo contra a mente. Nietzsche identificara o cérebro como órgão fraco, do qual os outros, os órgãos fortes do corpo, deveriam ser protegidos. Pois eles se deixariam subordinar àquele, colocando-se em função dele, para protegê-lo. De fato, não poderíamos, de um ponto de vista Nietzscheano, identificar a consciência, no complexo do corpo, como má-consciência e, portanto, em um nível individual – algo análogo ao que o gregário seria em um nível coletivo – contra justamente o indivíduo? André Masson, na revista *Acéfalo* (*Acéphale*), editada por Georges Bataille, com colaboração de Klossowski e outros, retrata a revolta do corpo, o delírio e o misticismo envoltos nesses textos de Nietzsche como uma espécie de homem vitruviano mágico, segurando uma faca em uma mão e um coração em chamas na outra, com uma caveira na área genital. Mas essa revolta seria possível? Como fazer o corpo interpretar, não se deixando dominar pelos esquematismos da mente, liberando-se no nível individual das formas ressentidas do entendimento? Em música, três soluções são propostas, dentro do âmbito do noise/música de ruído, envolvendo (1) a construção de uma parede sonora, cuja densidade e intensidade subjugaria o entendimento na apreciação; (2) metodologias para alcançar um involuntário paratético, uma música do corpo não-intencional; (3) a vitória de um sensualismo incontrolável, imerso em formas momento. Essas três soluções estão ligadas a trabalhos de três artistas do gênero: Vomir, Rudolf E.ber e Masonna.
